

^{Saúde} Aves de Rapina

Doenças e epidemias não se combatem com meia medida. É tudo ou nada, conforme a tradição brasileira. Ou os doentes morrem, em geral por falta de assistência, ou sobrevive a gorda lista de deformações administrativas causadas pelo sistema contaminado por incompetência, roubalheira e baixa política.

Quando o novo ministro da Saúde, José Serra, declarou, na véspera de assumir o posto, em Brasília, que o combate à dengue, no Rio, é a prioridade número 1 da pasta, com meses de atraso, viu-se como a tentativa de solucionar o problema custou já muito sofrimento e não foram poucos os ministros caídos nos últimos anos na batalha pela recuperação da saúde nacional. No caso da dengue, esperouse a troca de ministro (o terceiro no atual governo) e o aparecimento de mais de 500 doentes na capital fluminense e quase 5 mil no estado, naquilo que se caracteriza como a quarta epidemia de dengue estadual, para que alguma providência fosse tomada. No Rio, as epidemias atacam como as chuvas de verão: com periodicidade prevista.

Enquanto isto, não havia sequer inseticida e fumacê para desencadear o combate à epidemia: autoridades municipais e estaduais esperavam a palavra de ordem das autoridades federais (na realidade, a liberação de alguma verba), todas elas de braços cruzados, impotentes diante do jogo torpe da falta de previsão.

Pouco falta à saúde pública para ser doente terminal. Nos bastidores de Brasília, as máfias sugam as verbas para vacinas e medicamentos. No Rio, os políticos da chamada "bancada da saúde" loteiam os hospitais. Uma ação popular, impetrada por advogado das máfias, impede que o ministério da saúde se municie de vacinas no fundo rotativo da Organização Panamericana de Saúde, por um terço do preço, obrigando-se assim a comprar vacinas emergencialmente das mesmas máfias que corrompem o sistema de compras. A Central de Medicamentos e o Instituto Nacional de Alimentação, formalmente extintos, continuam a agir como focos de corrupção.

A própria "bancada da saúde", composta de 33 parlamentares, manipula do alto a teia que envolve a população como ave de rapina. Hospitais movimentam muito dinheiro em compras e dão muito emprego — daí o interesse dos políticos ligados à saúde de controlá-lhes a direção. A Fundação Nacional de Saúde, enquanto não for descentralizada, estadualizada, municipalizada, continuará a ser elefante branco, ministério dentro do ministério, com seu orçamento bilionário e seus 45 mil funcionários.

Não são poucos, portanto, os desafios do novo ministro, ensanduichado entre as epidemias e a máquina totalmente fora de controle, como todo mundo sabe.